

Educação preocupa empresários

da The Economist

"Se você acha que a educação é cara demais, experiente a ignorância", dizem os professores das escolas. E a classe empresarial norte-americana está começando a entender esta mensagem. A quantidade de pessoas que saem das escolas sem saber escrever, somar ou dar sentido ao que falam vem preocupando tanto os executivos-chefes das 20 empresas de "blue-chip" da Business Roundtable, que eles resolveram dedicar toda a sua reunião anual deste verão ao assunto.

Mesmo se o índice de desemprego aumentasse em relação ao seu atual nível de 5% (ele chegou a ser de 11% em 1982), a falta de funcionários capazes provavelmente persistiria. As escolas norte-americanas estão produzindo uma quantidade pequena demais de pessoas devidamente equipadas para desempenhar até mesmo as funções mais baixas. E verdade que os trabalhos atualmente são mais complexos do que eram noutros tempos, mas isso é apenas uma parte da explicação. Os programas de treinamento para os operários que ingressam na United Technologies, que tinham uma duração de duas a três semanas em princípios dos anos 80, atualmente têm uma duração média de oito a dez semanas. Os trabalhos estão-se tornando mais sofisticados — enquanto os novos funcionários estão diminuindo em níveis de sofisticação.

Em Los Angeles, Nova York, Chicago, Detroit e outras grandes cidades entre um terço e dois quintos dos alunos não chegam a completar o curso secundário. Alguns poucos, muito noticiados na mídia, sucumbem às tentações do dinheiro rápido que pode ser conseguido através da comercialização das drogas. Uma quantidade muito maior daqueles que abandonam os estudos, segundo informações do Conference Board, um grupo de estudo empresarial norte-americano, simplesmente não consegue resistir à gratificação imediata de ganhar até US\$ 7,50 por hora, o salário pago aos atendentes de lanchonetes em algumas regiões.

A maioria dos jovens opta pelo dinheiro rápido

E os jovens que resistem e continuam nas escolas não conseguem, necessariamente, resultados melhores. A National Assessment of Educational Progress constatou que apenas 20% dos jovens de 17 anos nas escolas norte-americanas são capazes de escrever uma simples carta de um único parágrafo a um gerente local de supermercado pedindo-lhe um

emprego. Num grupo de cinco, quatro são incapazes de interpretar corretamente uma tabela mostrando os horários de saída de ônibus. No campo da matemática e das ciências, as crianças norte-americanas têm um atraso de dois a três anos em relação às crianças japonesas.

Em 1987, a New York Telephone recebeu 117 mil candidatos para 3 mil vagas. Somente 57 mil deles foram capazes de fazer os testes preliminares da empresa e, destes, apenas 2.100 foram aprovados. Em média, o Chemical Bank de Nova York precisa entrevistar 40 pessoas para encontrar uma que possa ser treinada para as funções de um caixa. E a situação não é diferente na Costa Oeste. O Bank of America diz que as pessoas que se formam atualmente nas escolas são muito menos competentes do que os seus pais eram em "habilidades de comunicação" — ou seja, em lidar com clientes pelo telefone ou no balcão do banco.

"Educação terapêutica", consumindo US\$ 25 bi anuais

Como consequência disso, o mundo empresarial norte-americano está gastando cerca de US\$ 25 bilhões por ano com a assim chamada "educação terapêutica" (além de aproximadamente US\$ 200 bilhões que o país paga pelas suas escolas oficiais). Uma parte desta "educação terapêutica" diz respeito às questões mais básicas possíveis. Em sua fábrica de processamento de nozes em Suffolk, no Estado de Virgínia, a Planters se utiliza de músicas no estilo rap, country e jazz para ajudar os seus operários analfabetos a memorizar o alfabeto.

Os empresários responsabilizam as escolas por formar pessoas que não são educadas e tampouco são educáveis. Mas, nos seus esforços para ajudar estas escolas a fazer um trabalho melhor, os empresários atualmente se mostram mais tristes e mais sábios do que alguns anos atrás.

Quando eles leram pela primeira vez um relatório de 1983 intitulado "A NATION AT RISK", que pintava uma imagem sombria do futuro dos Estados Unidos, caso a educação não melhorasse, os empresários se apressaram a formar sociedades com as escolas. Milhares de empresas correram para adotar escolas. Estas parcerias, que incluíam coisas como comprar elegantes uniformes para as fanfarras e para as equipes de basquete das escolas, deixaram as pessoas da localidade muito satisfeitas. Mas os líderes empresariais começaram a perceber que nada estavam fazendo para uma

verdadeira reforma educacional.

O Boston Compact, que até recentemente costumava ser citado como uma maneira esplêndida de se conseguir que as escolas melhorassem, também nada conseguiu. Este Boston Compact foi uma decorrência de um acordo assinado entre o departamento escolar de Boston e os empresários locais. Cerca de 300 empresas prometeram fornecer empregos e treinamentos para os que se formassem nas escolas secundárias locais. As escolas, por sua vez, prometeram reduzir o absenteísmo e os índices de abandono de estudos, bem como melhorar os seus ensinamentos, de forma que os formandos tivessem pelo menos os padrões mínimos necessários de leitura e matemática.

Mas o Boston Compact e os vários programas que se seguiram a ele atualmente são considerados como um desapontamento. Em Boston, a quantidade de estudantes que sequer chegam a terminar o curso secundário aumentou na verdade.

E os programas de parceria tendem hoje a ser considerados como sendo "meros paliativos".

Empresários querem saber como as escolas são administradas

Os empresários agora estão menos dispostos a serem sócios silenciosos. Em Boston, ele, estão exigindo que os professores e os pais possam dizer mais coisas quanto à forma como as escolas são administradas; e estão exigindo menos poderes para os burocratas. Em outros lugares, eles também se estão envolvendo mais e se tornando bem mais mandões.

Na Califórnia, Cornell Maier, que foi executivo-chefe da Kaiser Aluminum, faz trabalhos volun-

tários numa campanha de "lobby" em assuntos educacionais em Sacramento, a capital do estado. Ele afirma que os empresários californianos se arrependem da Proposta 13, que reduziu os impostos imobiliários no estado, provocando um estrangulamento nas verbas destinadas à educação. Metade dos professores da Califórnia abandona a profissão depois de cinco anos. Para que as escolas estaduais melhorem, diz Maier, é preciso que os professores recebam salários melhores.

Empresas privadas já liberam funcionários para darem aulas

No Estado da Geórgia, a Geórgia Power Company está liberando funcionários seus para dar aulas em 150 a 180 classes por semana em programas combinados com o departamento de educação do estado. Em Los Angeles, 125 funcionários da Arco Oil & Gas, tanto executivos quanto secretárias, ajudam nas aulas dadas a crianças emigrantes numa escola elementar local.

Em Chicago, cerca de 50 empresas, lideradas pela United Airlines, pela Pre-mark International, Baxter International e Sears, Roebuck, estão tentando uma abordagem mais radical. Elas fundaram a sua própria escola, que eventualmente terá 300 alunos até a oitava série. A coalizão empresarial pretende, com o sistema escolar estadual, gastar cerca de US\$ 4.100 por aluno ao ano. A diferença é que todo este dinheiro será absorvido pela educação propriamente dita, não pelos trabalhos de administração. A meta é mostrar que um novo enfoque — mais horas de aula, um currículo mais flexível etc. — pode ajudar a resolver os problemas educacionais dos Estados Unidos.